

Linguística Sistêmico-Funcional e identidade de gênero: uma análise da transitividade no discurso de Erika Hilton

Systemic Functional Linguistics and gender identity:
an analysis of transitivity in Erika Hilton's speech

 Tanise Gomes Lira

 Genivan Silva Pereira

Resumo: O estudo analisou o discurso de Erika Hilton durante uma sessão na Câmara dos Deputados, sobre a proposta de proibição da união estável entre casais homoafetivos. Como base teórica usamos a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), de Halliday e Matthiessen (2014) e Fuzer e Cabral (2014), investigando como a linguagem constrói significados sociais e reforça a identidade de gênero. A pesquisa focou nos processos materiais da LSF, que descrevem ações e eventos no discurso de Hilton, mostrando com o seu discurso como ela articula sua identidade de gênero, defendendo os direitos da comunidade LGBTQIAPN+. Nos apoiamos em Pelúcio (2009) que aborda questões de identidade transgênero e Hall (2006; 2016) para explorar a identidade cultural. Ao integrar a LSF e as teorias sobre identidade de gênero e cultura, aprofundamos a compreensão das relações entre discurso, identidade e resistência.

Tanise Gomes Lira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e membro do Grupo de Estudos Saberes e Práticas do Professor (GESPP) da UFPB. Email: tanise.gomes@academico.ufpb.br

Genivan Silva Pereira. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Email: genivan2011@hotmail.com

Palavras-chave: Análise de Discurso. Identidade de Gênero. Linguística Sistêmico-Funcional. Transitividade.

Abstract. The study analyzed Erika Hilton's speech during a session in the Chamber of Deputies about a proposal of banning stable unions between same-sex couples. As a theoretical basis we used Systemic Functional Linguistics (SFL), by Halliday and Matthiessen (2014) and Fuzer and Cabral (2014), investigating how language constructs social meanings and reinforces gender identity. The research focused on the material processes of LSF, which describe actions and events in Hilton's discourse, showing with her discourse how she articulates her gender identity, defending the rights of the LGBTQIAPN+ community. We are supported by Pelúcio (2009) who addresses issues of transgender identity and Hall (2006; 2016) to explore cultural identity. By integrating LSF and theories on gender identity and culture, we deepen our understanding of the relationships between discourse, identity and resistance.

Keywords: Discourse Analysis. Gender Identity. Systemic Functional Linguistics. Transitivity.

Introdução

A análise de discursos representa um desafio complexo e fascinante dentro do vasto campo dos estudos linguísticos, neste caso, se entrelaçando com os Estudos Culturais ao lançar luz sobre a intrincada relação entre linguagem, identidade e representação. Neste trabalho, o foco é adentrar o terreno complexo da representação social, destacando a construção da identidade de gênero travesti e explorando a interseção com a LSF. Essa abordagem será aplicada na análise do discurso da deputada Erika Hilton durante uma comissão na Câmara dos Deputados do Congresso Nacional do Brasil, localizada na capital

federal, em 2023, que debatia o Projeto de Lei 5167/09, o qual propõe que nenhuma relação entre pessoas do mesmo sexo se equipare ao casamento ou entidade familiar, em contraste com o Projeto de Lei 580/70 que, ao contrário, visava incluir no Código Civil a possibilidade da união homoafetiva.

Antes de iniciar a análise, torna-se fundamental contextualizar a trajetória da deputada Federal Erika Hilton, sublinhando seu engajamento nas causas sociais, seu trabalho pela comunidade LGBTQIAPN+ e sua importante atuação política. Esta introdução destaca a relevância de figuras como Erika Hilton ocupando cargos públicos no país, trazendo à tona debates cruciais, como a proibição do casamento homoafetivo.

No embasamento teórico, voltamo-nos aos Estudos Culturais, compreendidos como uma lente que examina como as representações sociais são construídas e disseminadas na cultura, ou seja, dentro da representação. Neste contexto, a identidade de gênero é vista como um construto social moldado pelo discurso. A abordagem de Pelúcio (2009) e Carvalho, Andrade e Junqueira (2009) aprofunda nossa compreensão sobre a identidade de gênero travesti e sua representação social. Além do mais, investigamos o sistema de transitividade na LSF, utilizando a abordagem proposta por Halliday e Matthiessen (2014) e Fuzer e Cabral (2014). Esse arcabouço teórico focaliza os processos verbais dentro do discurso. Essa análise oferece uma perspectiva singular sobre como as ações são linguisticamente expressas, fornecendo ferramentas essenciais para uma investigação aprofundada dos processos materiais, objetivo deste artigo, presentes no discurso de Erika Hilton.

A análise propriamente dita se concentrará no discurso da deputada durante a comissão, destacando a construção da identidade de gênero travesti no discurso e utilizando a LSF como um instrumento teórico-metodológico para examinar os processos materiais no sistema de transi-

tividade. Consideraremos as implicações sintáticas e semânticas desses processos, bem como os recursos discursivos empregados pela deputada. Este estudo visa enriquecer nossa compreensão da interconexão entre linguagem, identidade de gênero travesti e discurso, especialmente em um contexto desafiador para a igualdade e os direitos, contrastando com a decisão histórica do Supremo Tribunal Federal, em 2011.

Identidade, cultura e representação

Esta seção visa contextualizar as teorias relacionadas à formação da identidade, especialmente no contexto cultural pós-moderno, unindo as contribuições de destacados sociólogos. A base teórica é fundamentada em trabalhos notáveis, com ênfase na relevância de Hall (2006; 2016) e Woodward (2000) para compreender a fragmentação do indivíduo na era pós-moderna.

O processo de construção da identidade é complexo e influenciado por atribuições de significado, moldado por circunstâncias sócio-históricas e políticas específicas. Hall (2006) argumenta que as estruturas de poder, outrora ancoradas em fatores econômicos, políticos e religiosos, estão passando por transformações significativas, resultando na fragmentação das estruturas tradicionais que delineavam as paisagens sociais. Sua visão não essencialista destaca que a identidade

[...] é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (Hall, 2006, p. 13).

A identidade, longe de ser inata, é um elemento constantemente moldado e modificado em resposta à representação nos sistemas culturais circundantes. Hall (2006) enfatiza que as identidades são formadas através de práticas culturais e sociais, desafiando a noção de identidade como algo pré-determinado.

O sociólogo introduz o conceito de “identidade cultural” como algo que está sempre em processo de se tornar, em vez de ser uma característica fixa e estável, visto que o sujeito pós-moderno está sendo atravessado pela interação constante das instituições, pela quebra da relação espaço-tempo. Isto é, Hall (2006) destaca a natureza fluida e fragmentada da identidade, especialmente em contextos pós-coloniais e diaspóricos. Ele argumenta que as identidades são construídas a partir de diferentes elementos culturais e que os sujeitos podem articular múltiplas identidades ao mesmo tempo, dependendo do contexto social em que estão inseridos.

Dessa maneira, a visão de Hall (2006) sobre identidade emerge como um desafio vigoroso às abordagens mais fixas e essencialistas, alçando-se como um convite à apreensão de uma compreensão mais intrincada e contextual da construção identitária. Sob a influência dessa perspectiva, as identidades são concebidas não como entidades estáticas, mas como resultado de processos em constante evolução, forjados e modelados por interações sociais, experiências culturais e contextos específicos, como é o caso da identidade de gênero travesti, cuja construção identitária subverte a norma essencialista de conceber a identidade, formando e se transformando no interior da representação, visto que “diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais” (Woodward, 2000, p. 30).

Diante disso, a construção da identidade torna-se cada vez mais relevante na sociedade contemporânea, evidenciando as experiências

únicas e desafios enfrentados por indivíduos diante da crescente percepção sociopolítica da pluralidade. Nesse contexto, Pelúcio (2009) destaca que a identidade transgênero é um processo intrincado, moldado por fatores sociais, culturais e políticos. A autora sublinha como essas identidades são frequentemente estigmatizadas e marginalizadas, influenciando não apenas a construção identitária, mas também as vidas cotidianas e oportunidades sociais desses grupos, como a união estável entre casais do mesmo sexo.

Vale salientar que a categoria transgênero abrange uma diversidade de manifestações identitárias, transitórias ou permanentes, incluindo transexuais, travestis, intersexuais, andrógenos e transformistas (Carvalho, Andrade e Junqueira, 2009). No caso da identidade transexual e travesti, Pelúcio (2009) destaca a subversão dos papéis de gênero impostos pela hegemonia. As transexuais, por exemplo, são descritas como aquelas que experimentam uma identidade de gênero oposta à sua anatomia de nascimento, enquanto as travestis encontram satisfação ao viver como mulheres, desafiando as normas da orientação sexual.

As travestis desafiam as normas de gênero ao assumirem uma identidade baseada em características associadas ao sexo oposto, sem rejeitar suas características genitais. A construção da identidade de gênero travesti e transexual destaca-se pela elaboração tangível do corpo feminino, desafiando as estruturas convencionais do binarismo de gênero.

Diante disso, a identidade como ação política nos ensina que o controle sobre a representação identitária, antes centrada em outros aspectos da identidade, é capaz de estigmatizar um povo por meio da representação de uma identidade cultural unificada. Se na época do Iluminismo ninguém pensava em uma identidade coletiva, visto que se pensava em uma concepção de identidade que defende a individualidade do sujeito, as identidades daqueles que eram marcados pela dife-

rença eram empurradas para a margem social, carecendo de força para resistir frente às injustiças sociais, como a comunidade LGBTQIAPN+, vítimas de ataques de conservadores do Projeto de Lei 5167/09, o qual propõe que nenhuma relação entre pessoas do mesmo sexo se equipare ao casamento ou entidade familiar

Nesse sentido, segundo Woodward (2000), a diferença dos grupos que estão à margem social é sustentada pela exclusão, como os corpos de homossexuais, travestis e transexuais, e isso acontece porque, na linguagem, “fazemos uso de signos e símbolos – sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos – para significar ou representar para outros indivíduos nossos conceitos, ideias ou sentimentos” (Hall, 2016, p. 18).

É através dos sistemas simbólicos que usamos em uma determinada cultura, que marcamos a diferença na identidade, visto que a palavra ‘cultura’ remete ao compartilhamento de valores de um grupo ou uma sociedade (Hall, 2016), ou seja, a ideia da centralidade do sujeito é abandonada para dar lugar a uma ‘virada cultural’ marcada pela pós-modernidade, na qual o sujeito é marcado por um sistema capitalista, causados pelo processo de globalização, onde ocorrem novas dimensões e vinculações sobre as representações do outro (Hall, 2016).

Podemos perceber que, através do sistema representacional, incluímos práticas de significação e sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando o indivíduo como sujeito, ou seja, “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos, inclusive, sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar” (Woodward, 2000, p. 17).

Essa forma de representação pode ser uma forma de manter grupos no poder, como a sociedade hegemônica, subjugando os grupos que

estão à margem social, como a comunidade LGBTQIAPN+, mas, também, potencializar o discurso não hegemônico, para que os grupos socialmente marginalizados sejam capazes de usar o sistema simbólico para autenticarem suas diferenças e transcender na sociedade. Assim sendo, Hall (2016) diz:

O sentido é o que nos permite cultivar a noção da nossa própria identidade, de quem somos e a quem “pertencemos” – e, assim, ele se relaciona a questões sobre como a cultura é usada para restringir ou manter a identidade dentro do grupo e sobre a diferença entre grupo. O sentido é constantemente elaborado e compartilhado em cada interação pessoal e social da qual fazemos parte. De certa forma, este é o campo mais privilegiado – embora com frequência o mais negligenciado – da cultura e do significado (Hall, 2016, p. 21-22).

Diante disso, a linguagem é uma unidade de disposição que promove uma manutenção ou uma transformação das identidades engendradas, visto que, segundo Hall (2016, p. 31) a “representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-los a outras pessoas”.

Nesse sentido, a representação cultural tem implicações sobre as identidades, pois ela tem a ver como temos sido representados e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar, surgindo as próprias narrativas do eu, entendendo que as subjetividades de cada indivíduo não anulam a coletividade do sujeito pós-moderno, contribuindo para o fortalecimento das subjetividades que constroem esse coletivo (Hall, 2016).

A LSF e o sistema de transitividade

A Linguística Sistêmico-Funcional, desenvolvida por Michael Halliday e Christian Matthiessen, é uma abordagem teórica que busca compreender a linguagem em sua relação com o contexto social (Halliday e Matthiessen, 2014). Uma das contribuições fundamentais dessa teoria é o conceito de transitividade, que analisa as formas de interação entre os participantes de um discurso por meio dos diversos processos envolvidos (Fuzer e Cabral, 2014). Assim, o propósito desta seção é estabelecer os fundamentos desta pesquisa, apresentando os tipos de processos que constituem a base para a análise dos dados deste estudo.

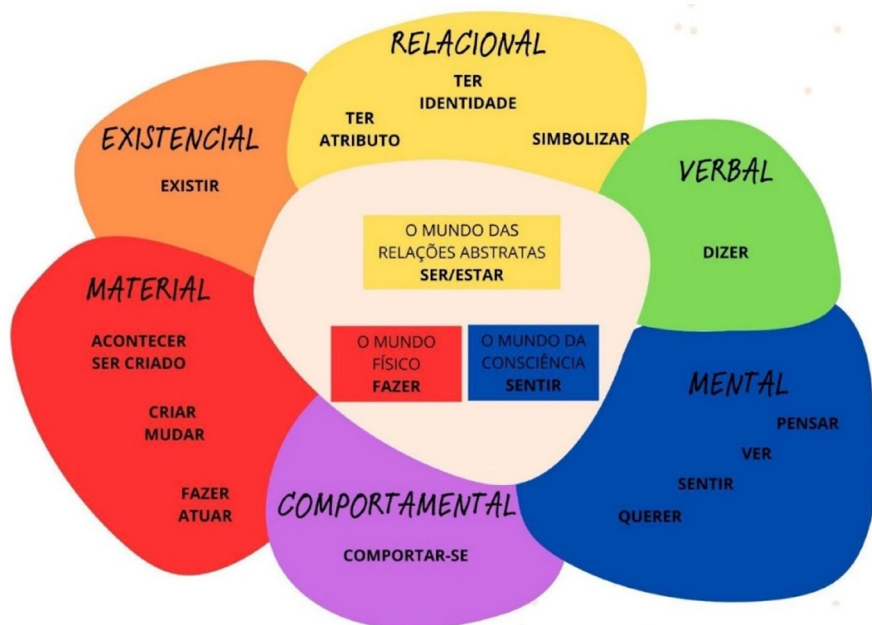
Segundo Halliday e Matthiessen (2014), o sistema de transitividade permite analisar como os participantes agem e são afetados por ações no interior de um texto. Eles dividem as ações verbais em três componentes principais: *Processo*, *Participante* e *Circunstância*. O *Processo* representa a ação em si, o *Participante* refere-se aos elementos envolvidos na ação, e a *Circunstância* fornece o contexto em que a ação ocorre. Corroborando esse referente, Fuzer e Cabral (2014) dizem que a,

Transitividade é, na GSF, um sistema de relação entre componentes que formam uma *figura*. Figuras são constituídas de um processo e participantes (quem faz o quê?) e, eventualmente, de circunstâncias associadas ao processo (onde, quando, como, por que etc.). As figuras são diferenciadas conforme tipos gerais de classificação de processos: figuras de fazer e acontecer, de sentir, de dizer, de ser e ter, de existir e de comportar-se. Em outras palavras, figuras são os significados produzidos pelos processos em associação com participantes e, opcionalmente, circunstâncias (Fuzer e Cabral, 2014, p. 41).

Ou seja, na Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), transitividade refere-se à relação entre elementos em uma estrutura linguística chamada de figura. Essas figuras são compostas por um processo verbal e seus participantes, respondendo à pergunta “quem faz o quê?”. Além disso, as figuras podem envolver circunstâncias relacionadas ao processo, como onde, quando, como e por que a ação ocorre. Em suma, a transitividade na GSF explora como elementos fundamentais se relacionam para construir significado na linguagem.

De acordo com Fuzer e Cabral (2014), os processos são categorizados em três tipos principais: *Material*, *Relacional* e *Mental*. Na fronteira entre esses três, há outros secundários: *Comportamental*, *Verbal* e *Existencial*. Na figura abaixo, visualizamos os seis tipos de processos do sistema de transitividade:

Figura 1: Tipos de processos nas orações



Fonte: Adaptado de Fuzer e Cabral (2014)

Conforme Fuzer e Cabral (2014), os processos *Materiais* referem-se a ações físicas e atividades; os processos *Relacionais* envolvem estados ou relações entre participantes; e os processos *Mentais* lidam com atividades mentais, como perceber e pensar. Já os processos *Comportamentais* representam a manifestação de atividades psicológicas ou fisiológicas do ser humano; os processos *Verbais* representam os dizeres dos participantes; e os processos *Existenciais* representam a existência dos participantes no mundo.

Seguindo, na análise da transitividade, os participantes são categorizados em três tipos essenciais: Experienciador, Meta e Circunstancial. O Experienciador representa quem vivencia o processo, a Meta é o alvo ou objeto direto da ação, e o Circunstancial é o participante responsável por oferecer o contexto ou circunstância em que a ação ocorre (Fuzer e Cabral, 2014). Essa categorização amplia nossa compreensão sobre como diferentes elementos desempenham papéis específicos na dinâmica das ações linguísticas

Face ao exposto, a análise da transitividade, portanto, proporciona uma compreensão mais profunda das escolhas linguísticas feitas pelos falantes para representar eventos e interações no discurso. Essa abordagem não apenas revela a estrutura gramatical, mas também destaca as relações de poder, agência e significado que emergem das escolhas linguísticas.

Em resumo, o sistema de transitividade na LSF oferece uma ferramenta valiosa para analisar como a linguagem reflete e molda as relações sociais, proporcionando compreensões significativas sobre a complexidade das interações verbais em diferentes contextos discursivos.

Contexto situacional: Erika Hilton

Erika Santos Silva¹, mais conhecida como Erika Hilton, nasceu em Franco da Rocha, município da região metropolitana de São Paulo, nasceu em 9 de dezembro de 1992, é uma política, ativista e modelo brasileira. Identificando-se como travesti, Erika Hilton é filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e atua nas causas voltadas aos direitos das pessoas negras e LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros – Transexuais/Travestis –Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias e mais).

Figura 2: Deputada Federal Erika Hilton



Fonte: Reprodução Câmara dos Deputados (2024)

1. Biografia adaptada de: PSOL. Psol: Socialismo e Liberdade, 2023. Erika Hilton: primeira mulher trans eleita deputada federal em SP chega à Câmara. Disponível em: <https://psol50.org.br/erika-hilton-primeira-mulher-trans-eleita-deputada-federal-em-sp-chega-a-camara/>. Acesso em: 23 jan. 2024.

Aos 15 anos, foi expulsa de casa devido à sua identidade de gênero. Para se sustentar, acabou recorrendo à prostituição. Após anos, concluiu o ensino médio e ingressou na Universidade Federal de São Carlos, na qual, envolvida no movimento estudantil, fundou um cursinho pré-vestibular para mulheres transexuais e travestis.

Em 2015, liderou uma mobilização online para garantir o direito de pessoas transexuais terem seus nomes sociais nas passagens de ônibus. No ano seguinte, filiou-se ao PSOL, concorreu, sem êxito, como candidata a vereadora em Itu (SP), no entanto em 2018, integrou a Bancada Ativista na Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp) por dois anos. Em 2020, tornou-se a mulher mais votada do país, eleita vereadora em São Paulo com mais de 50 mil votos. Em 2022, foi eleita deputada federal com mais de 250 mil votos, sendo uma das 10 parlamentares mais votadas em São Paulo.

Câmara dos Deputados

De acordo com a agência de notícias da Câmara dos Deputados (2023), no dia 27 de setembro de 2023, a Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família da Câmara dos Deputados foi palco de uma acalorada discussão em torno do Projeto de Lei (PL) 5167/09, de autoria do ex-deputado Capitão Assunção (ES), o qual propõe a proibição da equiparação entre relações homoafetivas a casamento ou entidade familiar. Este projeto tramitava apensado ao Projeto de Lei 580/07, do ex-deputado Clodovil Hernandes (SP), que, ao contrário, visa incluir no Código Civil a possibilidade de união homoafetiva.

Figura 3: Discussão em torno do PL 5167/09



Fonte: Reprodução Câmara dos Deputados (2025)

O contexto se torna particularmente polêmico devido à contrariedade ao reconhecimento da união homoafetiva proposto pelo PL 5167/09, que confronta a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) desde 2011, reconhecendo tais uniões como núcleo familiar. A discussão ganha destaque com a proibição proposta, a qual é debatida na comissão desde às 11h36, após uma mudança de plenário para permitir a participação da sociedade civil (Câmara dos Deputados, 2023).

Conforme a agência de notícias da Câmara dos Deputados (2023), a deputada Erika Hilton (Psol-SP), entre outros parlamentares como Laura Carneiro (PSD-RJ), Pastor Henrique Vieira (Psol-RJ) e Erika Kokay (PT-DF), destacam-se por apresentar um voto em separado, manifestando-se favoravelmente à união homoafetiva. No seu pronunciamento, Erika Hilton ressalta que desde a decisão do Supremo Tribunal Federal em 2011 até abril do ano em curso, foram registrados mais de 76 mil casamentos entre pessoas do mesmo sexo no Brasil.

Para ela e seus colegas, o relatório do deputado Pastor Eurico, que apoia a proibição, é considerado uma ameaça à vida, dignidade e direitos da comunidade LGBTQIAPN+, além de uma afronta aos princípios democráticos e constitucionais.

O ápice do discurso de Erika Hilton durante a comissão, transcrito de forma idêntica à legenda postada em seu perfil no Instagram, destaca a preocupação com a possibilidade de retrocesso nos direitos conquistados pela população LGBTQIAPN+, classificando o procedimento como antidemocrático e inconstitucional. Este episódio reflete a complexa interseção entre os posicionamentos políticos e sociais em relação aos direitos civis e à diversidade no contexto legislativo brasileiro (Câmara dos Deputados, 2023).

Procedimentos e categorias de análise dos dados

A análise dos dados foi conduzida em duas fases distintas, alinhadas com a abordagem da LSF. Na primeira etapa, ocorreu a organização dos dados linguísticos, centrando-se na seleção criteriosa de alguns processos materiais, verbais e mentais do sistema de transitividade na LSF, visto que o discurso da deputada federal Erika Hilton possui mais orações que indicam ações físicas ou atividades tangíveis (Fuzer e Cabral, 2014).

Nesse contexto, alguns processos (materiais, verbais, mentais) foram identificados e categorizados para estabelecer uma base sólida para a compreensão da dinâmica linguística subjacente aos textos analisados. A seleção criteriosa desses processos materiais permitiu uma organização estruturada dos dados, destacando as ações e eventos centrais presentes nos dados.

Na segunda etapa, a análise concentrou-se nos elementos linguístico-discursivos, considerando as escolhas específicas de processos mate-

riais, verbais, mentais e suas relações sintáticas e semânticas, bem como os recursos discursivos empregados. Essa abordagem possibilitou uma compreensão mais profunda das estratégias comunicativas adotadas por Erika Hilton no seu discurso, evidenciando a interconexão entre os elementos linguísticos e seu papel na construção do significado.

Dessa forma, a análise dos dados, guiada pela seleção de alguns exemplos de processos materiais, verbais e mentais do sistema de transitividade na LSF, proporcionou uma investigação abrangente e estruturada dos aspectos linguístico-discursivos presentes nos textos, contribuindo para uma compreensão mais profunda e sistemática dos dados em questão.

Quadro 1: Orações com processos materiais (primeira análise)²

Indicador e tipo de oração	Processos (Material, Verbal, Mental)			
I)	Já tudo foi dito aqui. (Verbal)			
	Já	tudo	foi dito	aqui.
	Circunstância de tempo	Verbiagem	Processo Verbal	Circunstância de lugar
II)	Já enfrentamos o fascismo, a transfobia, o ódio, as atrocidades todas [...] (Material)			
	*Nós (Comunidade LGBTQIAPN+)	já	enfrentamos	o fascismo, a transfobia, o ódio, as atrocidades todas [...]
Transitiva transformativa confronto	Ator	Circunstância	Processo	Meta

2. Veja o discurso da Deputada Federal na íntegra: HILTON, Erika. Deram um golpe em nossos direitos. Brasília. 10 out. 2023. Instagram: @hilton_erika. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2xHK2FgZFx/?igsh=MWZha3NsYWWh5Mnk2Mw==>. Acesso em: 08 fev. 2024.

III)	[...] saímos daqui com os nossos corações aliviados. (Material)			
	*Nós (Comunidade LGBTQIAPN+)	saímos	Daqui	com os nossos corações aliviados.
Intransitiva transformativa de movimento (lugar)	Ator	Processo	Circunstância	Meta
IV)	[...] que pregam ódio e intolerância. (Verbal)			
	que	Pregam	ódio e intolerância	
	pronome relativo ao Dizente	processo	Meta	
V)	[...] se utilizando da bíblia. (Verbal)			
	[...]	se utilizando	da bíblia.	
Intransitiva criativa geral	Dizente (não explícito)	Processo	Verbiagem	
VI)	[...] se utilizando de Jesus. (Verbal)			
		se utilizando	de Jesus.	
	Dizente (não explícito)	Processo	Verbiagem	
VII)	[...] Ele compactua com essas intolerâncias e com essa brutalidade, [...] (Verbal e/ou Mental)			
Verbal	Ele	compactua	com essas intolerâncias e com essa brutalidade, [...]	
	Dizente	Processo	Verbiagem	
Mental	Ele	compactua	com essas intolerâncias e com essa brutalidade, [...]	
	Experienciador	Processo	Fenômeno	
VIII)	[...] o pastor Henrique Vieira em suas falas brilhantes já nos demonstra a fraternidade, a solidariedade, o amor que Cristo nos ensinou e não o ódio [...] (Verbal)			
	o pastor Henrique Vieira	em suas falas brilhantes/ já	Demonstra	a fraternidade, a solidariedade, o amor que Cristo [...]
	Dizente	Circunstância	Processo	Verbiagem

IX)	Aí isso a gente joga para debaixo do tapete. (Verbal)			
	Aí/ para debaixo do tapete	isso	a gente	joga
	Circunstância	Verbiagem	Dizente	processo
X)	[...] os fundamentalistas fizeram nesse país, [...] (Material)			
	os fundamentalistas	fizeram	Nesse país	
Transitiva criativa geral	Ator	Processo	Circunstância	
XI)	[...] transformaram a fé em patrimônio [...] (Material)			
	*os fundamentalistas	Transformaram	a fé em patrimônio	
Transitiva transformativa	Ator	Processo	Meta	
XII)	[...] como já venceu em tempos sombrios [...] (Material)			
	*A democracia	como já	venceu	em tempos sombrios
Intransitiva criativa geral	Ator	Circunstância	Processo	Meta
XIII)	[...] vencerá essa farsa, [...] (Mental)			
	*A democracia	vencerá	essa farsa [...]	
	Experienciador	Processo	Fenômeno	

Fonte: elaborado pelos autores do artigo (2025)

Análises e resultados

No contexto da discussão na Câmara de Deputados sobre o Projeto de Lei que propunha a proibição da equiparação entre relações homoafetivas ao casamento ou entidade familiar, e considerando o cenário sociocultural que permeia a forma como a comunidade LGBTQIAPN+ é tratada nas práticas sociais no Brasil (e na maior parte do mundo), é relevante analisar, do ponto de vista da transitividade, as

orações retiradas do discurso demonstram muitos exemplos de processos materiais, verbais e mentais. Os processos verbais e materiais apareceram com maior frequência por todo discurso de Erika Hilton. Esta análise abarca os processos, participantes e circunstâncias presentes nos elementos do Sistema de Transitividade da LSF (Fuzer e Cabral, 2004), os quais desempenham um papel crucial na representação linguístico-discursiva da comunidade LGBTQIAPN+ durante a argumentação de Erika Hilton.

Na análise linguístico-discursiva, à luz das teorias de identidade, cultura e representação (Hall, 2006; 2016), observa-se a expressiva presença de uma voz travesti que defende os direitos de uma comunidade frequentemente excluída. O discurso evidencia a marginalização dessa comunidade nas práticas sociais, as quais favorecem uma sociedade eurocentrada, branca e heterossexual, resultando na negação dos direitos civis daqueles que se desviam desse padrão.

Dentre as ocorrências de processos materiais, observamos que os fundamentalistas/conservadores citados pela Deputada em trechos do seu discurso assumiram o papel de ‘Ator’, tanto de forma elíptica quanto explícita. Vale salientar que a forma elíptica é comum na língua portuguesa, em que a desinência número-pessoa já indica a pessoa a que o processo verbal se refere. Ao analisarmos a quantidade de ocorrências dos processos materiais e verbais em seu discurso, compreendemos o uso recorrente dos fundamentalistas/conservadores sugerindo que Erika Hilton os coloca no papel social de ‘Ator’ consciente e ativo por meio dos processos materiais e de ‘Dizente’ quando em processos verbais, reconhecendo-os como participantes protagonistas das mudanças transformadoras (Fuzer e Cabral, 2014).

Essas atribuições revelam a percepção de Erika Hilton sobre o impacto direto desses atores na negação dos direitos da comunidade

LGBTQIAPN+. As ações concretas no mundo físico, como explicitadas nos exemplos abaixo, reforçam a representação desses atores como agentes que desafiam e impedem a promoção dos direitos dessa comunidade, conforme conceitos de Halliday e Matthiessen (2014):

Quadro 2: Orações com processos materiais (segunda análise)

X)	[...] os fundamentalistas fizeram nesse país, [...]		
	[...] os fundamentalistas	Fizeram	Nesse país, [...]
Transitiva criativa geral	Ator	Processo	Circunstância
XI)	[...] transformaram a fé em patrimônio [...]		
	*os fundamentalistas	Transformaram	a fé em patrimônio [...]
Transitiva transformativa	Ator (elíptico)	Processo	Meta

Fonte: elaborado pelos autores do artigo (2025)

Seguindo, nos nossos dados, observamos que a comunidade LGBTQIAPN+ é ativamente incluída em 3 ocorrências nos processos materiais. Nestes enunciados, quando esses atores sociais assumem o papel de ‘Ator’ de forma ativa no discurso, frequentemente os participantes classificados como ‘Meta’ caracterizam a luta da comunidade por direitos civis. Essa dinâmica linguística ilustra a resistência da comunidade em face dos processos de exclusão aos quais seus corpos e identidade cultural são submetidos e subjugados (Hall, 2006).

Essas construções linguísticas evidenciam que os atores sociais, representados pela comunidade LGBTQIAPN+, são retratados como indivíduos ativos em diversas atividades e acontecimentos do mundo físico. Elas destacam os sujeitos como agentes capazes de ocupar diferentes espaços que, muitas vezes, lhes são negados no mundo físico, como no caso do casamento homoafetivo (Woodward, 2000). Essa análise revela a capacidade da linguagem em refletir e construir representações poderosas, colocando a comunidade LGBTQIAPN+ no

centro de suas próprias experiências e reivindicações, contribuindo para a transformação social e a busca por igualdade e inclusão, como podemos ver nos exemplos a seguir:

Quadro 3: Orações com processos materiais (terceira análise)

II)	Já enfrentamos o fascismo, a transfobia, o ódio, as atrocidades todas [...] (Material)			
	*Nós (Comunidade LGBTQIAPN+)	já	enfrentamos	o fascismo, a transfobia, o ódio, as atrocidades todas [...]
Transitiva transformativa confronto	Ator	Circunstância	Processo	Meta
III)	[...] saímos daqui com os nossos corações aliviados. (Material)			
	*Nós (Comunidade LGBTQIAPN+)	saímos	Daqui	com os nossos corações aliviados.
Intransitiva transformativa de movimento (lugar)	Ator	Processo	Circunstância	Meta

Fonte: elaborado pelos autores do artigo (2025)

Prosseguindo com a análise, em duas ocorrências em nossos dados, observa-se, de maneira elíptica, que “a democracia” assume o papel de ‘Ator’ em processos materiais, revelando ataques antidemocráticos aos direitos da comunidade LGBTQIAPN+. Essa construção linguística destaca a luta e resistência contínua em relação a esses direitos, estabelecendo uma posição de empoderamento e oposição à estrutura hegemônica que marginaliza essa comunidade. Vejamos:

Quadro 4: Orações com processos materiais (quarta análise)

XII)	[...] como já venceu em tempos sombrios [...]			
	*A democracia	como já	venceu	em tempos sombrios
Intransitiva criativa geral	Ator	Circunstância	Processo	Circunstância

Fonte: elaborado pelos autores do artigo (2025)

Neste exemplo, a democracia, embora não explicitamente mencionada, é sugerida como o ‘Ator’ que venceu em tempos difíceis. A circunstância “em tempos sombrios” indica a adversidade enfrentada, e a ação de vencer denota a capacidade da democracia de superar desafios, incluindo aqueles relacionados à proteção dos direitos da comunidade LGBTQIAPN+.

Quadro 5: Orações com processos Mental (quinta análise)

XIII)	[...] vencerá essa farsa, [...]		
	*A democracia	Vencerá	essa farsa [...]
	Experienciador	Processo	Fenômeno

Fonte: elaborado pelos autores do artigo (2025)

Neste segundo exemplo, a democracia assume o papel de ‘Experienciador’. Aqui vemos um processo mental onde é possível compreender que há uma ideia/ expectativa de algo que poderá vir a acontecer, no caso, vencer está direcionada contra “essa farsa”, indicando um ataque antidemocrático. A linguagem reforça a resistência da democracia em face de ameaças e sua capacidade de superar manipulações que possam prejudicar os direitos da comunidade LGBTQIAPN+, destacando a luta ativa da democracia na defesa dos direitos dessa comunidade, apresentando-a como um agente protagonista nos processos de transformação das práticas sociais.

Ao representar a democracia de maneira elíptica nessas orações, o discurso sugere a importância desse sistema político como um defensor crucial contra ameaças antidemocráticas, construindo uma narrativa de resistência e empoderamento. Essa representação também destaca a participação ativa da democracia na materialização e preservação dos direitos civis da comunidade LGBTQIAPN+, reforçando sua presença nas fotografias representacionais do mundo físico.

Partindo para a análise de outra ocorrência, observamos que “o Pastor Henrique Vieira” assume o papel ‘Dizente’ em uma das orações dos processos verbais, realizando o processo de demonstrar valores cristãos. Neste caso específico, os valores cristãos são o ‘Alvo’ principal da ação, indicando que o objetivo do Pastor Henrique Vieira ao demonstrar algo está centrado na promoção desses princípios. Vejamos:

Quadro 6: Orações com processos verbais (sexta análise)

VIII)	[...] o pastor Henrique Vieira em suas falas brilhantes já nos demonstra a fraternidade, a solidariedade, o amor que Cristo nos ensinou e não o ódio [...] (Verbal)			
	o pastor Henrique Vieira	em suas falas brilhantes/ já	Demonstra	a fraternidade, a solidariedade, o amor que Cristo [...]
	Dizente	Circunstância	Processo	Verbiagem

Fonte: elaborado pelos autores do artigo (2025)

O quadro 6 é um dentre vários exemplos de processos verbais presentes no discurso de Erika. É um processo verbal de atividade no qual encontramos “o pastor Henrique Vieira” como o Dizente (aquele que fala), “em suas falas brilhantes” e “já” vemos duas circunstâncias sendo uma de meio e a outra de tempo, reforçando o espaço onde se encontra aquilo que foi dito e o momento no tempo, indicando que a ação já fora realizada. O processo “demonstra” destaca a importância do

pastor como agente participativo dentro da sociedade, já que além de pastor ele é um deputado. Esse detalhe realça que ao qualificar essas falas como “brilhantes” compreendemos a habilidade retórica distinta que o Dizente possui e que o diferencia dos outros pastores por compreender, de fato, o que seriam a fraternidade e a solidariedade que deveriam ser pregadas.

A análise ressalta a relevância do discurso do Pastor Henrique Vieira em contraposição ao ódio velado de falsos valores cristãos, exemplificado pelo Capitão Assunção em seu discurso ao propor o projeto de lei que proíbe o casamento de pessoas do mesmo sexo. A utilização da palavra “demonstra” revela a intenção deliberada de apresentar e exemplificar, construindo uma imagem positiva do pastor e de sua mensagem.

A referência ao ensinamento de Cristo acrescenta um componente religioso significativo à mensagem, situando-a dentro do contexto cristão que valoriza a fraternidade, a solidariedade e o amor. Essa estratégia discursiva busca influenciar a percepção do público sobre o Pastor Henrique Vieira, reforçando a ideia de que esses valores são fundamentais em sua abordagem e distanciando sua mensagem do ódio e intolerância associados a interpretações distorcidas de valores cristãos.

Considerações finais

Os fundamentos da LSF desempenharam um papel crucial na estruturação e desenvolvimento da análise do discurso apresentada neste trabalho. Através desses pressupostos, especialmente no que se refere ao sistema de transitividade, conseguimos identificar e compreender os principais processos presentes no discurso analisado, com destaque para os processos materiais.

A perspectiva da LSF revelou-se instrumental na análise do impacto da vida de um indivíduo, seu papel em uma comunidade e a defesa de sua identidade na comunicação verbal. Ao aplicarmos os conceitos da LSF à análise do discurso da deputada Erika Hilton, pudemos discernir que sua vida, luta e engajamento em causas sociais desempenham um papel determinante na moldagem de seus discursos. A interconexão entre sua experiência de vida e suas posições políticas e sociais ressalta a influência dos fatores contextuais.

Em consonância com as ideias de Hall (2006), ratificamos a perspectiva de que a identidade de gênero e cultural é construída pelo indivíduo e não é biologicamente determinada, mas sim uma construção histórica, política e cultural. Essa visão enriquece nossa análise ao reconhecer a complexidade e fluidez da identidade, reforçando a importância de considerar os contextos sociais, históricos e culturais na compreensão da expressão verbal e identidade de um indivíduo.

Em resumo, a aplicação da LSF e a incorporação das perspectivas de Hall contribuíram significativamente para uma análise mais profunda e contextualizada do discurso de Erika Hilton, proporcionando uma compreensão mais abrangente da relação entre linguagem, identidade e contexto social.

Referências

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Deputados divergem sobre proposta que proíbe união de pessoas do mesmo sexo*. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1002158-deputados-divergem-sobre-proposta-que-proibe-uniao-de-pessoas-do-mesmo-sexo-assista>. Acesso em: 24 jan. 2024.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Projeto de Lei nº 5167/2009, de 05 de maio de 2009*. Brasília: Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www.>

camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=432967.
Acesso em 14 fev. 2024.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Projeto de Lei nº 580/2007, de 27 de março de 2007*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2007. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=346155>. Acesso em: 14 fev. 2024.

CARVALHO, M. E. P.; ANDRADE, F. C. B.; JUNQUEIRA, R. D. *Gênero e diversidade sexual: um glossário*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2009.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. SILVA, T. T. Silva da. LOURO, G. L. (trad). 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An Introduction to functional grammar*. 4ed. London: Routledge, 2014.

PELÚCIO, L. Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo da aids. In: PELÚCIO, L. *Gêneros Rígidos em Corpos Fluidos*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009. p. 77-104.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

Recebido em: 12/04/2025

Aprovado em: 09/07/2025

Licenciado por

